



Entrevistas

Nº EDIÇÃO: 654 | 16.ABR - 21:00 | Atualizado em 17.04 - 18:26



BJORN LOMBORG, ambientalista

"Só os espertos ganharam com o mercado de carbono"

O ambientalista e cientista político dinamarquês Bjorn Lomborg, 45 anos, percorre o mundo com uma tarefa, digamos, inglória: convencer que a redução das emissões de dióxido de carbono (CO2) não trará nenhum benefício na luta contra as mudanças climáticas

Por Rosenildo Gomes Ferreira

Com um discurso que o coloca em rota de colisão com ONGs e até mesmo agências governamentais, Lomborg é acusado de fazer o jogo das empresas petrolíferas. Ele nega. "Das promessas feitas na Rio 92 e em Kyoto, em 1998, pouca coisa saiu do papel. Está na hora de tentarmos algo diferente", argumenta. Para ele, o aquecimento global deve ser atacado por meio de inovações tecnológicas que garantam o acesso de toda a população a painéis solares eficientes e baratos. Eleito uma das 100 personalidades mais influentes do mundo, pelo jornal britânico The Guardian, Lomborg esteve recentemente no Brasil para uma série de palestras e falou à DINHEIRO. Acompanhe:

DINHEIRO - O sr. está trabalhando em um filme, batizado de Cool it, em que defende uma visão menos alarmista sobre os efeitos do aquecimento global. É uma resposta ao filme Uma verdade inconveniente, de Al Gore?

BJORN LOMBORG - De uma certa maneira, sim. Ele pintou um quadro muito alarmista sobre as causas e os efeitos do aquecimento global. Não se trata de algo que vai acontecer da noite para o dia. Não é necessário entrar em pânico. Quando converso com os pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology (MIT), eles dizem que todos estão preocupados com isso, menos eles. É porque a solução do problema passa pela tecnologia, não apenas pelo corte de emissão de dióxido de carbono (CO2).

DINHEIRO - A escalada no número de furacões e sua intensidade não são indicativos de que o problema existe e é grave?

LOMBORG - As pessoas tendem a enxergar apenas uma parte da questão. Se analisarmos a ação do furacão Katrina, em Nova Orleans (EUA), veremos que os estragos foram causados mais pelo péssimo estado de conservação dos diques que protegiam a cidade do que pelo furacão em si. O Katrina atingiu a Flórida e gerou menos problemas porque o Estado estava preparado.



DINHEIRO - Mas e o caso de Tuvalu e das Ilhas Maldivas que estão sumindo do mapa? Como lidar com essa situação?

LOMBORG - Trata-se de um problema lamentável, mas que também está sendo conduzido de forma equivocada. Esses países foram competentes na contratação de empresas de relações públicas para divulgar o problema. Mas, se analisarmos a questão de uma forma prática, trata-se de apenas duas mil pessoas que seriam afetadas. E elas podem ser realocadas em outras regiões quando, e se, o pior acontecer. Temos de priorizar questões concretas e mais relevantes. 'Você sabia que a cada sete horas morrem, no mundo, 12 mil pessoas de doenças que poderiam ser evitadas?' É incrível que ninguém pense nisso.

DINHEIRO - E qual seria a forma mais eficiente de lidar com a questão do aquecimento global?

LOMBORG - Creio que deveríamos apostar em ações inovadoras. Defendo a ideia de que cada país invista o equivalente a 0,2% do PIB em pesquisa e desenvolvimento de projetos de energia renovável e tecnologias verdes. Isso seria mais eficiente e custaria 50 vezes menos do que é gasto hoje. E é isso que espero que países como o Brasil defendam na próxima reunião sobre o clima, que acontece em Cancún (México), no final deste ano.

DINHEIRO - O sr. considera o programa brasileiro de etanol uma opção para reduzir o uso dos combustíveis fósseis?

LOMBORG - Não sou especialista em etanol. Mas posso dizer que o programa funciona bem por aqui devido ao uso da cana-de-açúcar e à grande produtividade dessa cultura no Brasil. Duvido que ele possa ser usado como modelo global. Temo que a adoção desse combustível em larga escala possa acelerar a devastação de florestas tropicais, causando ainda mais emissão de CO₂. Sem contar a possibilidade de aumento no preço dos alimentos devido à substituição de culturas de subsistência por plantações de matéria-prima para o combustível. O etanol é um caso típico que podemos chamar de uma solução inteligente em países como o Brasil, mas não se trata de uma "bala de prata", capaz de resolver todos os problemas do mundo.



"O etanol é um bom exemplo de tecnologia verde. Mas é uma solução que só se aplica ao Brasil"

DINHEIRO - Algumas pessoas dizem que o sr. está a serviço das empresas petrolíferas. Isso é verdade?

LOMBORG - Claro que não. Esse tipo de acusação se deve ao fato de a minha visão destoar do senso comum. Muitas pessoas ainda acreditam que adotando ações pontuais e ineficientes estarão contribuindo para salvar o mundo. O movimento Hora do Planeta é um bom exemplo disso. A cada ano, cerca de dois bilhões de pessoas desligam as luzes de suas casas ou empresas por uma hora. Essa iniciativa gera redução de míseras dez toneladas de CO₂. Um esforço gigantesco para um resultado pífio. Pior. Se todas essas pessoas acenderem velas, vão emitir mais CO₂ do que pretendem economizar.

DINHEIRO - Esses pequenos exemplos não têm o poder de conscientizar ou educar as pessoas?

LOMBORG - Muito pelo contrário. Não adianta uma pessoa reciclar o lixo de casa e depois embarcar em um avião para passar as férias no Caribe. A viagem anula o efeito da reciclagem durante todo o ano.

DINHEIRO - Por que deveríamos acreditar que o sr. é o único que está certo?

LOMBORG - Tem um monte de pessoas inteligentes, como Bill Gates (fundador da Microsoft), repetindo um discurso semelhante ao meu. Em recente palestra, ele falou que para lidar com as mudanças climáticas é necessário um milagre energético. Não creio que seja preciso um milagre, mas melhorar dramaticamente as ferramentas tecnológicas de que já dispomos. Meu discurso é compartilhado por economistas e engenheiros e segue na contramão do que pregam os políticos. Eles se fixam apenas na redução da emissão de CO₂. O problema é que isso é extremamente caro e muito provavelmente não vai trazer os resultados esperados.

DINHEIRO - Por quê?

LOMBORG - As promessas de redução das emissões começaram, há 18 anos, na conferência Rio 92. Mas desde então nada ou muito pouco foi feito. Levando-se em conta o Protocolo de Kyoto, assinado em 1998, o corte foi de talvez apenas 5%. E não conseguimos renovar as metas devido ao fracasso da reunião COP-15, realizada em Copenhague (Suécia), em dezembro de 2009. Temos ouvido muitas promessas, mas poucas ações concretas. Para atingir a meta de redução em 2°C da temperatura do

planeta seria necessário gastar US\$ 40 bilhões por ano, sem a certeza de que seríamos bem-sucedidos.



"Al Gore pintou um quadro alarmista sobre as causas e os efeitos do aquecimento global"
Al Gore, ambientalista e ex-vice-presidente dos EUA

DINHEIRO - E como mudar essa equação, já que o sr. mesmo diz que o problema do aquecimento global é real?

LOMBORG - Precisamos assumir que tem havido uma falha constante na implementação do modelo nos últimos 18 anos, devido a questões políticas. Ninguém tem peito de adotar uma medida impopular, como o reajuste expressivo dos combustíveis, por exemplo. Pelo lado econômico, já ficou claro que o custo desse modelo é substancialmente desproporcional aos benefícios. A cada dólar investido para reduzir as emissões de CO₂, o que se consegue evitar é o equivalente a dois centavos em danos ambientais. Por outro lado, a mesma quantia investida em tecnologia de ponta para melhorar a eficiência e reduzir o custo de painéis de geração de energia solar, por exemplo, renderia o equivalente a US\$ 11 em benefícios ao planeta.

DINHEIRO - Se sua proposta é tão boa, por que, então, ela é combatida por diversas ONGs e mesmo pelas agências de meio ambiente dos governos da Europa e dos Estados Unidos?

LOMBORG - Todos se convenceram de que é preciso cortar CO₂, e nisso eu concordo. Contudo, o modelo proposto para isso não foi adotado e nada indica que serão tomadas atitudes efetivas daqui por diante. As autoridades e muitos ecologistas ficaram presos a uma visão simplista. Está na hora de tentarmos algo diferente. Ninguém queima combustível fóssil porque gosta ou para aborrecer os ecologistas. Esse combustível garante o estilo de vida da sociedade e torna viável tudo que fazemos.

DINHEIRO - O que falta para que os governos adotem esse tipo de estratégia?

LOMBORG - Existe um claro conflito de interesse nessa história. Sabe quem mais faturou com as medidas preconizadas pelo Protocolo de Kyoto? As empresas energéticas da Europa. Elas ganharam gratuitamente as licenças para emitir CO₂, mas cobraram dos consumidores uma sobretaxa em torno de 10 bilhões de euros por ano. Por conta disso, é muito fácil para os políticos comprarem apoios de

empresas como a General Electric e outros fabricantes de painéis solares e torres de energia eólica.

DINHEIRO - E qual a sua avaliação sobre os projetos de compensação de emissões, usando créditos de carbono para bancar a conservação de florestas em países emergentes?

LOMBORG - O problema é que boa parte dessas compensações é falsa. Muitos contratos foram baseados na promessa da China de reduzir a emissão do gás CFC e outros que, na prática, ela nunca produziu. Isso rendeu US\$ 5 bilhões em créditos. Foram transações que não trouxeram nenhum benefício para o planeta, mas apenas para investidores espertos.

DINHEIRO - Qual a sua avaliação do governo Obama na área ambiental?

LOMBORG - Certamente ele está fazendo um trabalho melhor que seu antecessor, George W. Bush. Nas duas gestões é possível destacar pontos positivos e negativos nessa área. O problema que persiste é a aplicação de recursos financeiros em tecnologias ineficientes, em vez de apostar em ideias que apontem para o futuro.